

NEVES, REINALDO SANTOS. *A LONGA HISTÓRIA*. RIO DE JANEIRO:
BERTRAND BRASIL, 2006. 616 P.

Deny Gomes
Profa. Titular Aposentada de Teoria Literária/Universidade Federal do Espírito Santo

A longa história, de Reinaldo Santos Neves, é um romance de estrada, uma peregrinação de busca e achamento da mais espantosa história do mundo, realizada por uma confraria de narradores medievais e contemporâneos, identificados ou anônimos, que transita por tempos e espaços cumprindo a determinação de uma velha condessa e o destino de um fabulador de hábeis talentos. Ele reconta fábulas, hagiografias, contos humorísticos, histórias de paixões e desamor, encadeando-os sem rigor aparente, mundo que se constrói por si mesmo, ao sabor das possibilidades da viagem por fontes declaradamente usurpadas e autoralmente elaboradas pelo romancista.

Daí resulta a obra de arte, simulacro tão bem realizado que só pode ser real. Tudo parece de tal modo espontâneo e vivo e divertido que faz lembrar o dito de Fred Astaire sobre a virtuosidade elegante de sua dança: “O segredo está em parecer que é fácil”. Mas não é. Não pode ser. *A longa história* percorre os caminhos de árdua pesquisa pelo “imaginário medieval europeu” durante três anos, vindos do universo da *Crônica de Malemort* (1978), passando pelos contos duplamente titulados de *Má notícia para o pai da criança* (1995), com eventuais visitas a relatos folclóricos e literários situados no grande sertão rosiano, nos mares capixabas onde navegam naus decapitadas e terras onde crepitam chamas na missa e a força se avizinha ao templo, só para dar pequeno exemplo de evocações que as há a mais não poder.

No jogo de expõe-esconde, há dois pólos – autor e leitor – que sofrem do mesmo mal constrangedor, a fístula anal, que por meio dele se identificam e que lhes revela a fragilidade humana despindo-os de toda pose. A velha condessa de Kemp é a leitura/ouvinte privilegiada que despacha os buscadores da história e o calado monge, Posthumus de Broz, autor da mais espantosa história do mundo. A nau dessa busca se

constrói e revela, da partida à chegada, pela voz do narrador, a quem a história fornece o assunto e a fábula determina o arranjo, lugares ou instâncias que se deslocam a seu bel-prazer, sem fazer caso de teorias e normas, ou talvez mesmo pelo gosto de transgredilas.

A busca da longa história laça e entrelaça mitos e lendas, sotaques e tons, autor e “co-autriz”, disfarça, traveste e inverte, fazendo com que tudo seja necessário, em seus diferentes ritmos e passos, pois o que se sabe e está posto desde o início é que o objetivo final vale a pena. E no tecido da arte – a mais fina diversão – confirma-se o que já concluíra Montaigne: “Nós não fazemos nada senão nos citarmos reciprocamente”. Assim faz RSN e o declara no prefácio do romance. Reconhecer textos, situações, poemas, fatos, modos de dizer, valores, transferidos de um lugar para outro, com sua carga de sentido, memória, pranto e alegria é um gozo que delicia o leitor d'*A longa história* ao ver-se incluído na imensa caudal dos fazeres humanos, próximos ou longínquos, pois que tudo que se oferece é humano e bruto e leve como convém a tal convívio.

A mulher, mesmo “em pele de homem”, mesmo esconjurada e maldita, é o objeto de desejo dos monges e leigos, seduz e incendeia enquanto cumpre sua missão no relato e depois desaparece, dissolvendo-se no anonimato, tal qual Grim, o outro copista, aquele que transcreve as histórias do povo. A própria longa história já não necessita de materialidade depois de ser contratada. Cabia-lhe fazer o que fez. Longamente e muito bem. E concluir com o fecho: “Terminei”. Poderia ser também: “Tem mais não” ou “;”, ou ainda “∞”.